

## A Coleta Seletiva e a Beleza do Rio

Não basta que o Rio de Janeiro seja lindo. É preciso que ele continue limpo, com as praças, praias e ruas varridas, com o lixo coletado, sem que os catadores rasguem os sacos de lixo à cata de papéis e papelões e causem o maior transtorno para a Comlurb e para os cidadãos. É preciso que estudemos seriamente a implantação da coleta seletiva em nossa cidade e que façamos isto nos moldes das mais civilizadas cidades do mundo. Isto é possível e economicamente viável desde que conte com a participação da população e com o interesse das mais diversas empresas.

O Rio de Janeiro produz cerca de cinco mil toneladas de lixo por dia, 150 mil toneladas por mês, quase dois milhões de toneladas por ano. Ou seja, dois bilhões de quilos de lixo por ano, todo ano, e ninguém, quase ninguém, se dá conta disto. A única e última coisa que o cidadão sabe sobre o lixo é o momento em que ele o joga fora, na rua, pela janela do carro ou, eventualmente, em algum local adequado em sua própria casa ou apartamento. Ninguém quer saber do lixo porque o lixo, mesmo sendo produzido por nós, é feio, sujo, rasgado.

Isto é assim em todas as cidades, mas, por alguma razão especial que nem os sociólogos sabem explicar, em algumas cidades, os cidadãos são mais cuidadosos que os outros. Há todo o tipo de explicação: há os que dizem que os cidadãos que viveram a guerra, como na Europa, têm um comportamento mais adequado; há os que dizem que foi a chaga da escravidão que nos fez, a nós e aos do sul dos Estados Unidos, mais relaxados imaginando que sempre haverá alguém que fará por nós o trabalho duro; há finalmente os que supõe que a nossa lei seja permissiva. O fato é que algumas cidades são mais sujas que outras apesar de todo o

esforço das empresas de limpeza urbana e de todo o dinheiro que se ponha no serviço.

De qualquer modo, em todos os lugares o lixo é, normalmente, recolhido através da coleta pública, da varrição de ruas, praças e calçadas, e de operações especiais em praias, feiras, eventos, favelas. Mas, em algumas cidades, há mais de 20 anos, vem sendo implementada a coleta seletiva de papéis, papelões, vidros, metais, plásticos, panos, couros, e matéria orgânica. Nas áreas mais pobres isto é feito de uma maneira selvagem, catadores vivem daquilo que conseguem retirar do lixo mais rico e hoje já reúnem um "capital": "burrinhos sem rabo", kombis velhas, caminhões caindo aos pedaços e até velhas carretas estão sendo utilizados em um sistema informal que gera um enorme custo urbano porque deixa uma cidade imunda a ser limpa pelo sistema formal.

Este sistema formal, aquele que nós conhecemos dos "garis" e da Comlurb, tem o trabalho duplicado e dificultado e vai buscar o lixo do Rio, seja nos modernos equipamentos dos edifícios da Zona Sul, seja nos sacos, latões e mesmo nas ruas das outras regiões. Coletado das casas, varridos da rua, ou retirados em operações especiais, o lixo segue para estações de transferências onde passa para carretas e daí vai para o destino final.

Nas estações de transferência, ele pode ter alguma separação e enfardamento dos materiais não-orgânicos que tenham algum valor. No destino final, pode ter a parte orgânica transformada em adubo, pode ser aterrado e vir a gerar gás metano, ou pode eventualmente ser incinerado.

O fato é que tudo o que consumimos, alimentos, roupas, móveis, automóveis, eletrodomésticos, e que teve um enorme sistema de distribuição, acaba um dia se misturando e virando lixo. Esta mistura é que precisa ser evitada na fonte e um sistema, inverso ao da distribuição, de coleta seletiva, precisa ser implantado, com a ajuda dos cidadãos, das empresas que produzem os mais diversos tipos de lixo, e das empresas de coleta que estão perdendo uma oportunidade para o sistema informal. A função do poder públi-

co é regulamentar corretamente este mercado e permitir que, além de lindo, o Rio também continue limpo.